

Prefácio

Uma arte indispensável

Sou um inimigo declarado das formalidades sociais que são inúteis, inclusive os prefácios: o bronze é pesado e tem um gosto ruim. Dois fatos, todavia, eliminaram o meu dissabor e acenderam em mim uma vontade voraz de escrever. Foi o meu amigo Paulo Castagna quem me convidou a prefaciar este volume, e de uma forma insistente, sem que eu pudesse recusar; e o seu projeto me pareceu extremamente importante e, portanto, digno do maior apoio possível.

Com efeito, é com grande entusiasmo que apresento um projeto dedicado ao resgate da música de Minas Gerais. A edição de música antiga é uma arte em extinção, que chegou a ser quase sinônima à pesquisa musicológica, mas que, em um passado mais recente, acabou tornando-se marginalizada dentro da disciplina. Mas o fato de as edições estarem fora de moda não as torna menos necessárias. Da mesma forma, o descaso do jovem e impetuoso adepto da Nova Musicologia, cheio de seu De Certeau, Spivak, Bhabha, Derrida e Foucault, em nada contribui para o aperfeiçoamento da difícil empresa que é a edição musical. Editar música é fácil, pensam eles; trata-se de uma atividade mecânica e repetitiva, sem requerer muita interpretação. Apenas selecione as fontes, copie cada linha na partitura e, *voilà*, eis a peça terminada, pronta para ser executada. Quem vai querer se preocupar com uma tarefa tão banal?

Estão enganados. Seu desprezo e desdém servem apenas para obscurecer o que há de mais atraente nesta atividade. Antes de mais nada, há a curiosidade: somente alguém acomodado com o atual estado do conhecimento pode ignorar o comichão que nos impele a pesquisar

música esquecida ou desconhecida. No meu caso pessoal, após um quarto de século neste meio, ainda não consegui dominar esta curiosidade. Uma pilha de manuscritos intocados ainda é uma tentação grande demais; é impossível deixá-los passar pela minha frente sem dar ao menos uma folheada – o que me leva depois a sentar e transcrever um excerto, só para ver como soa, e depois uma peça inteira, e depois montar algum projeto de concerto, e depois uma gravação, e depois... Qualquer que seja a divindade de preferência do leitor, que ela abençoe Paulo e sua equipe: eles pouparam de todos nós, os músicos incorrigivelmente curiosos deste mundo, muito esforço e energia, localizando, transcrevendo e confrontando fontes musicais.

Para além das preferências pessoais, a edição musical é indispensável, social e academicamente. Sem o conhecimento da música, como seríamos capazes de avaliar compositores, escolas, tendências e eras? Através dos professores, mentores, registros contábeis e testamentos dos músicos? Através de uma lista de suas namoradas e conhecidos? Não é minha intenção sugerir que não podemos aprender nada de importante destas fontes. Pelo contrário, estou firmemente convencido da necessidade de se trabalhar com o maior número possível de tipos de documentos. Mas há algo de especial na música: ela traz informações que não existem em nenhum outro lugar do espectro das fontes. Isto é conhecimento musical, *bien sûr*; fazer sentido disso requer uma sensibilidade especial. Mas uma audição cuidadosa permite deslindar o que a música nos tem a dizer – isto parece tão óbvio que dói escrever.

A música, que afeta todos os extratos, todos os grupos e quase todas as pessoas, constitui grande parte do corpo simbólico de uma sociedade. A música antiga permeava o cotidiano da história em um grau que é poucas vezes reconhecido; esta música misturou-se ao conjunto da experiência social condensada do passado que, por sua vez, forma o “eu” histórico de qualquer grupo humano. Não conhecer a música, portanto, significa ignorar uma importante parte do que vem a ser este grupo. Se algum dia quisermos saber o que somos nós, americanos, nativos de fala castelhana ou portuguesa deste continente, para tal é indispensável editar, executar, apreciar e estudar música – não há outra alternativa.

Agora, sem música editada, a execução, a apreciação e o estudo são simplesmente impossíveis. No âmbito acadêmico, qualquer interpretação só é viável a partir de boas edições. E só um ignorante seria capaz de alegar que já temos todas as edições de que precisamos. Vastos setores do imenso panorama da música escrita são desconhecidos a alguns ou a todos nós, relegados ao esquecimento em alguma biblioteca adormecida. É por isso que, olhando do Sul, não editar música é suicídio: ao não editarmos partituras antigas, ao não as resgatarmos do esquecimento, ao não as examinarmos à procura de pistas sobre quem as cultivou, estamos aos poucos matando nossa memória – o que equivale a matar nós mesmos. A crise da musicologia é um fenômeno do Norte. É preciso cautela quando lidamos com essa crise do nosso lado do continente.

O esforço dirigido para o resgate da música de Minas Gerais que começa com este volume não pode ser suficientemente louvado. Muitas das obras são desconhecidas, não apenas pelo público em geral, mas também pelos estudiosos. Fontes espalhadas pelo estado de Minas Gerais, mas também pelo Rio de Janeiro e São Paulo, foram localizadas, reunidas e cuidadosamente comparadas, e suas divergências devidamente examinadas. Este tedioso, porém fascinante processo está no âmago da edição musical. O leigo dificilmente tem consciência de que uma boa edição não requer menos interpretação do que a execução de uma obra

ou a elaboração de um ensaio analítico: em todas estas práticas, o sentido de um texto musical necessita ser examinado a partir de seus componentes mínimos, através de uma apreciação crítica de toda a informação disponível. Um bom editor não é uma espécie de máquina que automaticamente constrói uma partitura a partir das fontes. Um editor é mais um detetive, disposto a levar em conta até a mais insignificante das pistas. Ele também é um hermenêuta que integra estas pistas em um todo musical coerente e significativo. E não apenas isso: um editor é um músico, sensivelmente consciente dos valores presentes no objeto com que trabalha. Um editor muitas vezes se converte em um compositor, preenchendo notas, vozes ou seções não explicitadas na fonte, mas indispensáveis à execução em público. Em última análise, um editor é um artista, na mais plena acepção do termo.

Arte é o que não falta nas edições do Acervo da Música Brasileira, o projeto anterior levado a cabo por Paulo, Marcelo Hazan e vários outros estudiosos, que brilhou com luz própria e transformou-se em modelo para edições de música antiga na América. Este novo Patrimônio Arquivístico-Musical, agora apenas Mineiro, exhibe um refinamento ainda maior em seus procedimentos técnicos, em termos do confronto de múltiplas fontes para cada edição. A ênfase sobre figuras como Lobo de Mesquita também é elogiável, completando o foco litúrgico, e portanto cultural, que informou o projeto anterior. O autor pode estar morto em outro lugar, mas, mesmo em um universo *post mortem*, permanece sendo o principal ator cultural e político; sem ele, a atribuição da capacidade e responsabilidade de agir politicamente perde sua nitidez. Mais de meio século já se passou desde que Francisco Curt Lange alertou o mundo para a rica tradição religiosa de Minas Gerais; contudo, ainda se ignora muito do que realmente eram Parreiras Neves, Lobo de Mesquita, Gomes da Rocha ou Dias de Oliveira. Este *Patrimônio* impresso amplia nosso conhecimento de uma das mais importantes escolas americanas de música clássica, ao destacar uma das figuras-chave de toda a música brasileira – com toda a arte que esta tarefa exige. Ficam aqui as minhas boas-vindas ao volume e à série.

Bernardo Illari

University of North Texas (Denton, EUA)